

Cenário de recessão do PIB do Brasil no 2º semestre fica mais distante

Mercado de trabalho melhor que o esperado e medidas do governo mudam expectativas

Por Marcelo Osakabe — De São Paulo 04/07/2025 05h00 · Atualizado há 2 horas

A surpreendente resiliência do

mercado de trabalho e medidas que representam um impulso fiscal positivo devem ajudar a dar sobrevida ao crescimento econômico no segundo semestre e assim, evitar uma situação de recessão técnica (dois trimestres consecutivos de queda do PIB), como chegou-se a temer na virada de 2024 para 2025. Para economistas, o debate migrou para se o quadro na segunda metade do ano será de estabilidade ou até ligeiro crescimento, mesmo diante da alta dos juros pelo Banco Central.

para uma expansão de 0,5%, com o PIB crescendo 0,3% no "pior" momento do ano, no terceiro trimestre, na comparação trimestral. "O primeiro trimestre mostrou uma demanda doméstica mais resiliente do que nosso cenário-base anterior, sustentada por uma massa de rendimentos que ainda cresce por causa do comportamento melhor que esperado do mercado de trabalho. Além disso, houve também revisão para cima das concessões de crédito", nota a economista-chefe Natalie Victal.

Na SulAmérica, a projeção deixou de ser uma contração média de 0,2%

governo com intuito de reverter a queda da popularidade e calculamos que o conjunto dessas ações deve ajudar a economia principalmente no segundo semestre." Entre as medidas aprovadas, Natalie enfatiza o poder do crédito

consignado privado, que ainda engatinha, mas deve ganhar tração ao

"Isso do ponto de vista da economia por si só. Por fora, incorporamos uma série de 'pequenos botões amarelos' que já foram apertados pelo

longo do segundo semestre. Ela também coloca nessa conta o saque do FGTS para optantes pelo saque-aniversário, a ampliação da tarifa social de energia elétrica e do vale-gás, a faixa 4 do Minha Casa, Minha Vida (MCMV) e, mais recentemente, o ressarcimento de aposentados prejudicados pelo escândalo dos descontos associativos irregulares, que deve injetar outros R\$ 4 bilhões na economia. Por causa da fragilidade das contas públicas, o acionamento desses

"botões" pelo Executivo era a principal preocupação dos economistas

que antecipavam, na virada do ano, um cenário de recessão leve no segundo semestre. Ocorre que o fiscal explica apenas parte da revisão, diz Thiago Xavier, da Tendências. A consultoria previa chance de recessão técnica (recuos de 0,6% e 0,2% no terceiro e quarto trimestres), mas alterou seu cenário para uma expansão média de 0,2% do PIB no período, com ajuda principalmente do mercado de trabalho. "A realidade se impôs. O mercado de trabalho não só não desacelerou no primeiro trimestre, como todos esperavam, como intensificou o grau

meses", diz Xavier. "Paralelamente, as projeções de inflação foram revisadas um pouco para baixo, o que ajuda a perspectiva de consumo das famílias. E as condições financeiras, que viraram o ano em patamar bem negativo, em meio tanto à euforia com a eleição do Trump quanto o pessimismo fiscal doméstico, tiveram melhora marcante." Somado a esses fatores, estão as ações do governo. Somente o consignado privado pode acrescentar 0,4 ponto porcentual (p.p.) ao PIB

este ano, nas contas da Tendências. A nova faixa do MCMV pode

mais evidentes apenas em 2026.

estimativa anterior de 0,5% do PIB.

acrescentar mais 0,2 ponto - os efeitos deste, no entanto, devem ficar

de aquecimento. A massa salarial cresceu a taxas mais fortes nos últimos

Um último fator que chegou a ser incorporado nas projeções, mas acabou não se realizando até o momento, é o aumento do IOF, derrubado pela Câmara na semana passada - o Executivo entrou com ação no Supremo Tribunal Federal questionando a derrubada da medida. "Nas nossas contas, o IOF poderia tirar até 0,3 ponto percentual do PIB ao reduzir o volume de crédito na economia. Então se a medida

efeito", nota Xavier. Essas medidas do governo ao mesmo tempo que ajudam o PIB a acelerar também colaboram para o cenário de maior preocupação com a dívida pública. A IFI (Instituição Fiscal Independente, ligada ao Senado),

por exemplo, prevê déficit primário de 0,66% do PIB neste ano, ante

Projeções de inflação foram revisadas um pouco

de fato não se concretizar, as projeções podem subir por exclusão desse

para baixo, o que ajuda a perspectiva de consumo das famílias" - Thiago Xavier

Nas ações do governo há, por fim, o pagamento de precatórios. Entre o fim de 2023 e o começo de 2024, foram pagos cerca de R\$ 90 bilhões -

a impulsionar o consumo das famílias e contribuíram com a melhora do

parte relacionada a salários e pensões, com maior probabilidade de impactar diretamente o consumo das famílias. Esses recursos ajudaram

ano."

cenário da atividade. Neste ano, serão pagos cerca de R\$ 72 bilhões, dos quais aproximadamente 24 bilhões são alimentícios lembra a economista Natália Cotarelli, do Itaú. "Como o governo sinalizou que esse pagamento ocorrerá concentrado a partir de julho, seu efeito acabou concentrado no terceiro e quarto trimestres", diz Natália, lembrando que o impulso com o pagamento dessas dívidas judiciais deve representar cerca de 0,2 p.p. do PIB. O Itaú recentemente elevou sua projeção para o crescimento médio no

segue em 2,2%. Além dos precatórios, o banco cita o consignado privado como um dos impulsos à economia. Em suas estimativas, a modalidade pode acrescentar 0,6 p.p. ao PIB em 12 meses, mas apenas 0,2 p.p. neste ano, já que o programa não está completamente implementado. Existe, no entanto, chance de que parte maior desse efeito seja

segundo semestre de estabilidade para alta de 0,2% - a de 2025 fechado

menos neste começo de implementação. O que temos observado, no entanto, é que o segundo tem se mantido resiliente, que esse efeito substituição não tem ocorrido com tanta intensidade", diz Natália. "Caso essa tendência se mantenha, é possível que não seja apenas 0,2 p.p. este

antecipada para 2025, pondera a economista. "Esperávamos que o

crédito consignado crescesse em detrimento do crédito pessoal, pelo

A consultoria BRGC revisou recentemente o PIB para um crescimento em 2025 de 2,4%, com maior destaque para o segundo e terceiro trimestres. É um resultado ligeiramente maior do que o carrego estatístico de 2,2% do primeiro trimestre - o resultado caso a economia ficasse estável nos três trimestres restantes - permitiria, diz Lívio Ribeiro, economista sócio

da consultoria. "É um crescimento adicional que deve ficar concentrado no segundo e terceiro trimestres. E que é, em parte, explicado pelo impulso fiscal maior", diz o pesquisador do Instituto Brasileiro de Economia da

Fundação Getulio Vargas (FGV Ibre). Ele pondera ainda que este é estímulo que não deve ser totalmente atendido pela oferta doméstica. "Deve ocorrer um vazamento via importações, e isso já levou a nossa projeção para o setor externo deixasse de ser positiva para ficar zerada

ou levemente negativa", acrescenta. "Ou seja, mesmo com nova safra recorde, o saldo comercial não serão tão altos quanto se imaginava,

porque a absorção doméstica também será maior."